

Tramas de si, grafias do outro

Elaine Regina Chagas Santos

São Paulo, São Paulo, Brasil

naner.regina@hotmail.com

Mestre em Ensino de Ciências e Matemática

Secretaria Municipal de Educação - SP

<https://orcid.org/0000-0002-4969-2197>

Alika ajeitava os tecidos sobre a mesa como quem organiza pensamentos. As cores vibravam, os grafismos pulsavam, e cada trama parecia devolver-lhe perguntas que ecoavam em sua escrita de seu projeto de doutorado. Não eram apenas tecidos, eram mantos, memórias, corpos, territórios, ela pensava, enquanto tecia seus rascunhos. Eram modos de existência que se entrelaçam em sua própria subjetividade.

Ela começava sua narrativa refletindo sobre corporalidades. O corpo, pensou, não é apenas biológico, mas inscrição cultural. É nele que se gravam as experiências do mundo, os gestos, as memórias, as formas de ocupar o espaço. Ao vestir e se entrelaçar com os tecidos, Alika sentia na pele a textura que lhe lembrava ancestralidades. O toque áspero do algodão, o deslizar da seda, o peso firme do linho, e cada sensação era uma pedagogia silenciosa. O corpo do educador, atravessado pela urdidura, tornava-se território sensível, lugar de produção de saber e vida.

Mas não havia corpo sem alteridade. Cada grafismo era uma escrita do outro, uma subjetividade que se apresentava diante dela. Não era objeto, era presença. O tecido trazia culturas, raças, gêneros, modos de ser que questionavam sua própria identidade docente. Ao se deixar grafar pelo outro, Alika percebia que ensinar era sempre um exercício de deslocamento, uma abertura para o encontro. O tecido, nesse sentido, era dispositivo de reconhecimento, fazia ver o outro não como exotismo, mas como sujeito pleno de saberes.

Os territórios surgiam como paisagens simbólicas. O tecido, ao ser produzido, carregava relações de poder e afeto, quem tece, quem veste, quem interpreta. Mais que um pedaço de pano, era espaço de fronteiras e encontros. Ao incorporá-lo na formação



docente, Alika propunha que os professores reconhecessem seus próprios territórios, para além de físicos e simbólicos e os atravessassem com consciência crítica. A escola, nesse movimento, poderia ser reterritorializada, não mais espaço neutro, mas lugar de acolhimento, pertencimento e insurgência.

Assim, os modos de existência se revelavam nas tramas. Cada cultura teve sua vida de um jeito, produz seus valores, suas verdades. O tecido africano não era apenas estético, mas modo de ser, viver e estar no mundo, integrava corpo e território, memória e futuro. Alika via nisso um convite para que a docência fosse também um modo de existência insurgente, capaz de resistir ao silenciamento colonial e afirmar novas possibilidades de vida.

Em sua escrita, Alika delineava os objetivos de pesquisa: analisar o potencial dos tecidos africanos como dispositivos pedagógicos na formação de professores; mapear representações e subjetividades; implementar oficinas de estamparia como espaços de intervenção; investigar a dimensão da corporalidade; identificar o tecido como suporte de alteridade e saber filosófico; refletir sobre a reterritorialização da escola; e sistematizar resultados que subsidiam políticas de formação docente alinhadas à Lei nº10.639/03.

A metodologia que propunha era a das afro-oficinas, sejam de símbolos *adinkra*, *bogolan* ou *kente*, onde o “fazer” seria central. Tingir, estampar, urdir, experimentar e experienciar.

O corpo em movimento, o toque da trama, o gesto de criar, tudo isso seria observado como prática pedagógica. A pesquisa-ação, nesse contexto, não seria apenas coleta de dados, mas experiência sensível, insurgência epistemológica.

Alika insistia que essa formação não se encerrava. Tinha começo, meio e começo. O primeiro começo era o contato inicial com os tecidos e suas histórias. O meio era o espaço das afro-oficinas, onde corpo e intelecto se entrelaçaram em reflexão crítica. O novo começo surgia cada vez que um docente levava essas práticas para sua sala de aula,

entrelaçando crianças, adolescentes, jovens e adultos em uma Educação antirracista e decolonial.

Ao imaginar os impactos, Alika via professores que não apenas ensinavam conteúdos, mas que se tornavam corpos políticos, corpos insurgentes. Via escolas que se tornavam territórios de acolhimento, onde cada estudante podia se reconhecer nos grafismos, nas cores, nas tramas. Via políticas públicas que reconheciam a potência da cultura material africana como ferramenta pedagógica.

No fim da escrita, Alika sorriu. Seu projeto não era apenas acadêmico, era também poético e político. Era uma proposta de costurar subjetividades, de transformar o corpo-território do educador em espaço de resistência e criação. Porque, afinal, ensinar é isso: urdir tramas de si e deixar-se grafar pelo outro. Com sorriso no rosto, teceu um poema e recitou:

Cada trama é memória

Cada grafia é alteridade

Cada tecido é território

Cada urdidura é modo de existência

E a docência, nesse movimento, é sempre recomeço.

A aprovação acadêmica como um gesto de insurgência epistemológica e o combate ao racismo

Os dias se passaram e enfim chegou o dia do resultado tão esperado, Alika segurava a carta de aprovação como quem segura um tecido raro, delicado e resistente ao mesmo tempo. O coração pulsava em ritmo de urdidura, entrelaçando alegria, responsabilidade e esperança. Seu projeto de doutorado havia sido aceito. Aquelas páginas que nasceram de noites insones, de reflexões sobre corpo, alteridade, territórios e modos de existência, agora tinham reconhecimento institucional. Era como se cada grafismo dos tecidos africanos que a inspiraram tivesse se transformado em palavra, argumento e proposta.



Ela respirou fundo e sentiu que não era apenas uma conquista pessoal, mas coletiva. Cada fio de sua escrita carregava vozes ancestrais, memórias de resistência, gestos de insurgência contra o silenciamento imposto pela colonialidade. A aprovação era também um gesto político: a universidade reconheceu que os tecidos africanos podiam ser dispositivos pedagógicos, capazes de reconfigurar corporalidades e instituir novos territórios de saber.

As expectativas desse novo começo eram intensas. Alike imaginava as afro-oficinas ganhando vida, mesas cobertas de panos tingidos, estudantes mergulhando em técnicas com os símbolos *adinkra*, *bogolan* entre outros, corpos em movimento, mãos que criavam e refletiam. Via professores em formação descobrindo que o tecido não era apenas objeto estético ou exótico, mas linguagem, filosofia e epistemologia. Cada afro-oficina seria um espaço de encontro entre o sensível e o intelectual, entre o eu e o outro.

Mas ela sabia que o caminho seria árduo. O racismo docente não se manifesta apenas em atitudes explícitas, mas também em currículos que invisibilizam, em práticas pedagógicas que naturalizam hierarquias, em epistemologias que negam o valor de saberes não eurocêntricos. Por isso, sua proposta era radical, transformar o corpo-território do educador em espaço de insurgência, onde cada gesto fosse resistência, cada ação e prática fosse recomeço.

Alike projetava suas afro-oficinas como espaços de insurgência epistemológica. Não seriam apenas momentos de aprendizado técnico, mas rituais de descolonização. Cada afro-oficina seria um território reconfigurado, onde o racismo epistêmico seria confrontado pela força das culturas africanas. Professores e estudantes, ao tingirem, estamparem e vestirem os tecidos, estariam também tingindo suas próprias subjetividades, estampando novas formas de existir, vestindo corpos insurgentes.

Ela se emocionava ao pensar no impacto. Professores que se tornariam corpos políticos, conscientes de sua presença racial e cultural. Escolas reterritorializadas, transformadas em espaços de acolhimento e pertencimento. Crianças, adolescentes,



jovens e adultos atravessados por propostas que afirmam a potência das culturas africanas e afro-brasileiras. Uma educação que não apenas ensinava conteúdos, mas que costurava vidas, memórias e futuros.

No silêncio de sua sala, Aliká sorriu. Sabia que seu doutorado não seria apenas uma etapa acadêmica, mas um movimento contínuo de insurgência epistemológica. Cada afro-oficina, cada reflexão, cada ação e prática docente seria um combate ao racismo, uma afirmação de que ensinar é sempre urdir tramas de si e deixar-se grafar pelo outro.

E assim, entre tecidos e palavras, entre corpo e território, entre memória e futuro, Aliká se preparava para viver sua proposta. Porque a aprovação acadêmica, para ela, não era apenas validação institucional, era um gesto de insurgência, um ato de resistência que se tornava vida, prática e recomeço.



Tramas de si, grafias do outro

Weft of self, writings of the other

Tramas de sí, grafías del otro

Resumo

O projeto de doutorado de Aliká propõe uma pesquisa-ação voltada para a formação de professores, utilizando tecidos africanos (como Adinkra, Bogolan e Kente) como dispositivos pedagógicos e filosóficos. Aprovada institucionalmente, a proposta combate o racismo epistêmico por meio de "afro-oficinas" práticas de tingimento e estamparia. O objetivo é interligar corpo, memória e território, transformando educadores em agentes políticos insurgentes. Alinhada à Lei nº 10.639/03, a metodologia promove uma Educação antirracista e decolonial de fluxo contínuo, gerando impacto direto nas salas de aula e transformando a escola em um espaço de acolhimento e resistência.

Palavras-chave: Educação Matemática. Decolonialidade. Afro-oficinas. Formação de professores. Tecidos africanos.

Abstract

Aliká's doctoral project proposes action research focused on teacher training, using African fabrics (such as Adinkra, Bogolan, and Kente) as pedagogical and philosophical devices. Institutionally approved, the proposal combats epistemic racism through practical "Afro-workshops" on dyeing and printing. The goal is to interconnect body, memory, and territory, transforming educators into insurgent political agents. Aligned with Law No. 10,639/03, the methodology promotes a continuous-flow anti-racist and decolonial education, generating a direct impact on classrooms and transforming the school into a space of welcome and resistance.

Keywords: Mathematics Education. Decoloniality. Afro-workshops. Teacher training. African fabrics.

Resumen

El proyecto de doctorado de Aliká propone una investigación-acción enfocada en la formación de profesores, utilizando tejidos africanos (como Adinkra, Bogolan y Kente) como dispositivos pedagógicos y filosóficos. Aprobada institucionalmente, la propuesta combate el racismo epistémico por medio de "afro-talleres" prácticos de teñido y estampado. El objetivo es interconectar cuerpo, memoria y territorio, transformando a los educadores en agentes políticos insurgentes. Alineada con la Ley nº 10.639/03, la metodología promueve una educación antirracista y decolonial de flujo continuo, generando un impacto directo en las aulas y transformando la escuela en un espacio de acogida y resistencia.

Palabras clave: Educación Matemática. Decolonialidad. Afro-talleres. Formación de profesores. Tejidos africanos.

